

**FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO**  
**ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO**

**Fabiano Miranda do Nascimento TIZZO**

**Marcos MALVEZZI**

## **Análise do livro Esaú e Jacó**

Trabalho Temático  
produzido para o Curso de  
Graduação em Sociologia e  
Política

**São Paulo, 2008**

## 1.Introdução

É uma análise da obra de Machado de Assis, que se dá por meio de narrativas e diálogo do autor com o leitor. Conta sobre a rivalidade de dois irmãos gêmeos que, em muitos momentos, se desentendem e se apaixonam pela mesma mulher, o que faz aumentar ainda mais as rivalidades entre ambos, sejam elas pessoais ou políticas.

A obra *Esau e Jacó* é um romance político que mostra a transição do Império à República no Brasil. Descreve um romance entre uma donzela e os dois jovens, um triângulo amoroso, e assim se desenvolve todo contexto e se criam todos os personagens, que possuem sua História vinculada com a História do Brasil.

A obra termina com os personagens vivendo em algo que parece inacabado, porém com uma reconciliação sutil entre eles, sem respostas definitivas ou conclusões.

## 2. Identificação da obra

ASSIS, Machado. *Esau e Jacó*. São Paulo: Martin Claret. Texto integral. Não há edição na obra, mostra que foi impresso no Outono de 2006.

## 3. Credenciais do autor

Joaquim Maria Machado de Assis é um escritor universal, profundamente brasileiro e caracteristicamente carioca.

Foi o primeiro autor da literatura brasileira a desenvolver um caráter filosófico profundo em suas obras, foi considerado um dos maiores nomes das letras brasileiras.

A obra *Esau e Jacó* (1904), é o penúltimo romance do autor. Sua principal temática é envolver a essência da alma humana, trata-se de um trabalho de grande importância da literatura brasileira.

Machado de Assis foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras em 1896, e no ano seguinte tornou-se seu primeiro presidente.

O Autor também escreveu outras obras admiráveis como: Dom Casmurro, Helena, Memórias Póstumas e O Alienista.

#### **4. Análise da obra**

O ano era 1871, Natividade e sua irmã Perpétua procuram uma vidente em Monte Castelo para saber do futuro de seus filhos gêmeos, menores de um ano.

Bárbara, a vidente, prevê que eles serão grandes e gloriosos, porém ainda no útero da mãe eles brigavam e, por isso, haveria discussões e rivalidades entre eles.

Na volta para sua casa no Botafogo, Nazaré vai se lembrando do dia em que contou ao marido que estava grávida. Era um domingo de Agosto, dia da missa de defunto de João Melo, escrivão e parente de seu marido.

Os preparativos para a chegada da criança começaram cedo. Natividade queria menina para vestir-lhe de rendas e cambraia. Agostinho seu marido, queria menino para vestir-lhe uma beca de advogado e dar-lhe um lugar no Parlamento ou no Ministério, ou então para ser gerente de um banco como ele.

Mas nem menina, nem menino, no dia 07 de abril de 1872, para surpresa de todos nasceram dois meninos, gêmeos idênticos. Foram batizados de Pedro e Paulo. Houve grandes acontecimentos neste ano: Dom Pedro I foi deposto e surge o período regencial no Brasil, período este que se deu antes do governo de Dom Pedro II.

A vida passa, os meninos crescem e quando tinham onze anos, no dia do aniversário de 41 anos de Natividade, Santos foi nomeado Barão de Santos.

Os meninos cresceram brigando pelos mais tolos motivos e a saída foi mandá-los para escolas diferentes. Paulo vai para a Faculdade de Direito, em São Paulo e Pedro para a Escola de Medicina, no Rio de Janeiro.

Ironicamente os dois se apaixonam pela mesma donzela, filha de Batista, ex-presidente de província. Moça chamada Flora, uma jovem de traços fortes, vistosa e como cita o Autor: meramente modesta. Ela trata os dois, porém, com o mesmo carinho, sem nunca se decidir por um ou outro.

Em 1888 foi promulgada a lei que libertava os escravos e pela primeira vez os irmãos não discordaram disso. A única diferença dizia respeito ao significado da reforma; para Pedro era um ato de justiça, para Paulo era o início da revolução.

Natividade procura Aires, ex-ministro e conselheiro, agora aposentado, para nomeá-lo preceptor dos filhos e lhes ensinar bons modos, pois está preocupada com as brigas e divergências dos mesmos.

Em 15 de novembro de 1889 proclamou-se à República e o Império vai ao declínio, ascende o Regime Republicano.

Mais uma vez os gêmeos se dividem: Paulo se identifica com os inovadores valores republicanos e Pedro ainda preferia defender a monarquia.

Começa uma época de grande crescimento econômico e sócio-cultural no Brasil. Em 24 de fevereiro de 1891, instaura-se a primeira constituição republicana.

Pedro e Paulo continuam enamorados de Flora e Aires aconselha-os que ambos consentam que ela possa, sim, optar por um deles. O ódio entre os irmãos em virtude disso tende a recrudescer. Flora, porém, morre em consequência de uma moléstia que a acometeu de muita febre.

Os irmãos se unem e fazem as pazes após a morte dela, mas não durou muito e logo voltaram aos desentendimentos.

Em meio às revoltas, combates e revoluções, já formados (graduados), Pedro abre um consultório médico e Paulo, uma banca de advogados.

Ainda confusos com o advento republicano, os dois entram para a política e elege-se deputados por partidos contrários, conforme citado anteriormente: Paulo era Republicano e Pedro Monarquista.

Natividade veio a falecer, mas na sua velhice ficou deslumbrada ao ver que seus filhos tornaram-se grandes homens. Em seu leito de morte fez os filhos jurarem que seriam sempre amigos.

Aires, que sempre foi muito observador, sabia que a afeição não duraria muito, achava que eles jamais mudariam.

A obra visa também uma narrativa de vários personagens, mas não prioriza e nem está completamente voltada para os conceitos históricos, apesar de destacar bem a situação política de época. Sendo assim em muitos momentos deste, o Autor cita várias modalidades de

políticos, envolvidos no contexto da ocasião: políticos republicanos, conservadores, liberais, além das províncias, e enriquece a obra com muitas notas de rodapé com esclarecimentos eruditos, que mostra realmente a grandiosidade intelectual de Machado de Assis.

O mérito ao seu trabalho, portanto, dispensa comentários, embora seja repleto de comentários irônicos, porém, com pensamentos inovadores para a época por parte do autor, uma vez que a obra é de 1904.

## **5. Considerações Finais**

A literatura também serve como fonte de informação de assuntos que os autores pretendem fazer com que se perpetue. É um veículo que relata alguns registros para que não sejam esquecidos, emana do meio social-intelectual e cumpre sua missão para análises históricas, sociológica ou intelectual.

A literatura também é um dos objetos que constitui a formação da identidade de uma sociedade, é possível até retratar contextos de uma época por meio dela.

A própria narrativa que conduz a obra segue em um plano onisciente, o narrador se coloca com o discurso direto e indireto; dessa forma se misturam e constroem um discurso direto livre.

Em Esaú e Jacó, algumas questões acabam ficando no ar devido aos paradigmas de alguns dos personagens, portanto é possível afirmar que Machado de Assis foi capaz de historicizar e analisar parte do contexto social do Brasil com uma narrativa literária. Os personagens vivem diante de uma transição política e social pela qual o Brasil passava naquele momento. São personagens que incorporam uma conduta em paralelo com a História do Brasil, essa tipologia dos personagens é rica e demonstra certa lógica no decorrer da narrativa, inclusive os fatos históricos acompanham devidamente uma cronologia humanizada conhecida como cronos, em meio a um período de curta duração que expõe a individualidade de alguns dos personagens na qual se dá pelo tempo múltiplo, que é o tempo vivido por cada ser humano.

Embora o autor priorize o romance entre os jovens e a donzela, além do triângulo amoroso ele foi capaz de associá-lo com a transição política do segundo império para república e ainda criar todos os outros personagens que constantemente surgem pelo texto.

A citação a seguir visa sustentar e fundamentar nossa afirmação com relação à temporalidade da obra:

Todas as Histórias, se as cortam em fatias, acabam com um capítulo último e outro penúltimo, mas nenhum autor confessa tais; todos preferem dar-lhes um título próprio. Eu adoto o método oposto; escrevo no alto de cada um dos capítulos seguintes os seus nomes de remate, e, sem dizer a matéria particular de nenhum, indico o quilômetro em que estamos da linha. Isto supondo que a História seja um trem de ferro. A minha não é propriamente isso. (ASSIS, Machado. Esaú e Jacó. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2006. p. 205).

A citação esclarece que ele narra todo de texto sem uma ordem linear precisa, embora haja uma cronologia histórica. Mas não há concepção de continuidade direta em suas narrativas as quais prosseguem de forma fragmentada, e em muitos momentos antes de encerrar um assunto, entra com outro e posteriormente retoma ao que foi parcialmente encerrado antes, sem deixar que o sentido se perca.